

■ DOSSIÊ - ARTIGOS

■ Práticas educativas e o desenvolvimento da musicalidade dos bebês: pensando o contexto da creche

 *Andréia Pereira de Araújo Martinez **

Resumo: Cada vez mais precocemente, os bebês adentram em contextos da Educação Infantil, devido as mais diversas necessidades das famílias e, também, em atenção aos direitos a educação da própria criança. Nesse sentido, o contexto da creche se constitui em mais um espaço educativo em que os bebês podem vivenciar experiências sonoro-musicais em meio às atividades culturais e as relações sociais, pois a musicalidade humana é uma atividade humana que se constitui na cultura. Professoras e professores podem contribuir nesse processo, planejando e realizando intencionalmente, atividades sonoro-musicais, em meio as mais diversas situações cotidianas que ocorrem no contexto da creche, lembrando que existe uma unidade entre o cuidado e a educação, isso também, em relação às atividades musicais. As discussões aqui suscitadas partem da perspectiva histórico-cultural, que tem em Vigotsky, seu precursor.

Palavras-chave: Bebês. Musicalidade. Desenvolvimento. Práticas educativas. Creche.

* *Andréia Pereira de Araújo Martinez é graduada em Pedagogia (UnB, 2004), especialista em Educação Infantil (UnB, 2012), mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - PPGE/UnB (2013) e doutora pela mesma instituição (PPGE/UnB, 2017). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, atua na Diretoria de Educação Infantil - DIINF/SEEDF. Compõe o Comitê Diretivo do Fórum de Educação Infantil do Distrito Federal - FEIDF e faz parte do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil - MIEIB. Compõe o Fórum Distrital de Educação - FDE. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas - GEPPE. Contato: andreiamartinez4@gmail.com.*

1. Os bebês e o contexto da Educação Infantil

Forma-se uma grande população de vozes. É voz de mãe, de pai, de vó, de vó, de irmã, de irmão... São muitas as vozes que fluem no ar e que o vento carrega para qualquer lugar. Algumas se destacam. Outras nem tanto. Algumas têm perfume que exala e convida para a escuta. Algumas são percebidas em meio a um emaranhado de vozes que jorram em cada canto. Seja em casa. Seja em qualquer lugar. Eis que surge um novo lugar – é a creche. E, assim, mais um turbilhão de vozes, de crianças e de adultos. Tem voz perfumada também. E uma se destaca em meio a esse novo cardápio sonoro – é a voz da professora. Esta gosta de prostrar. Coisa boa de ver. Conversa a todo momento: é no encontro com os bebês, no momento das refeições, durante as brincadeiras, na hora do choro, na hora do banho, na hora de trocar as fraldas... O tempo todo, essa voz está presente. Ora conversando ora cantando. A voz e o canto que bailam no ar. E, eles, os bebês, sempre olhando e escutando, demonstrando estar atentos, acompanhando essa nova voz... (MARTINEZ, 2017, p. 166).

Nos últimos tempos, cada vez mais precocemente, muitos bebês adentram o contexto da Educação Infantil. Em muitas creches nos deparamos com crianças bem pequenas e, até mesmo, bebês com poucos meses de vida que ficam separados de seus familiares por muito tempo ao longo do dia. Isto por que, diariamente, mulheres e homens precisam trabalhar para suprir as necessidades econômicas da família ou por uma questão de realização pessoal, tanto de um quanto de outro, que desejam realizar-se profissionalmente.

Diante de tal fato, o contexto da Educação Infantil é uma realidade e uma necessidade para muitas famílias em nossa sociedade, o que reverbera na atenção aos direitos da família de terem acesso a instituições de atendimento educativo a infância, mas além de considerar o direito da família, é preciso, sobretudo, considerar o direito da criança. Ou seja, é preciso refletir como a instituição de Educação Infantil se estrutura para receber e oferecer atendimento educativo para e com as crianças. Pois, a primeira etapa da Educação Básica não é apenas um espaço para o cuidado, mas também, um espaço que pode criar condições de possibilidades para o desenvolvimento integral da criança.

Em meio a tal realidade, muitos bebês permanecem um turno na instituição de Educação Infantil, outros, porém, ficam o dia inteiro, ao longo da semana. Durante essas horas de permanência na instituição educativa, dormem, acordam, tomam banho, suas fraldas são trocadas e, também, são alimentados. Essas são práticas que remetem ao cuidado dos bebês e, que são essenciais para sua sobrevivência. Como esclarece Tunes (s.d.), os bebês ao nascerem, não estão completamente prontos para desbravarem o mundo independentemente, eles necessitam dos cuidados do outro da relação social. A presença e o cuidado de pessoas que fazem parte do convívio social dos bebês é fundamental para sua sobrevivência e desenvolvimento entre os demais seres humanos.

Sabemos que o [se humano], quando nasce, ainda não completou toda a formação e o desenvolvimento funcional de seus órgãos. O cérebro encontra-se ainda em formação; a visão ainda está desenvolvendo-se, só para dar alguns exemplos. Assim, os bebês mamíferos acham-se

numa situação de dependência dos adultos que tem uma duração relativamente extensa e vai muito além do período de amamentação. A maternidade é universal entre os mamíferos. Com raras exceções, todos os mamíferos são sociais, ou seja, vivem e executam as atividades em grupo. Há neles uma predisposição inata para o contato social, pois, de outro modo, não sobreviveriam (TUNES, s.d., p. 2).

Corroborando com Tunes, Pino (2005) elucida que o filhote humano, no caso o bebê, precisa do outro da relação social, pois somos os únicos animais que necessitam de cuidados e atenção por um período prolongado de tempo, ou seja, os primeiros anos de vida, que pode variar, dependendo do contexto social e cultural em que o bebê está inserido. Sendo assim, os bebês passam muito tempo na dependência dos outros seres humanos até que consiga desenvolver, minimamente, sua autonomia. Sobre isto, Pino (2005) argumenta:

A fragilidade do bebê humano no momento de nascer e a sua insuficiência para sobreviver por conta própria fazem dele, efetivamente, o mais indefeso dos mamíferos. Durante muito tempo – bem mais que aquele das crias de animais mais próximos do ser humano precisa para adquirir sua autonomia –, a sobrevivência do bebê humano depende totalmente da solidariedade dos seus semelhantes, em particular dos pais. Muitas semanas deverão transcorrer antes de ele ser capaz de articular movimentos com os braços para atingir os objetos próximos [...].

E prossegue,

Longos meses serão necessários para que atinja uma relativa autonomia de movimento para cortar o espaço e aproximar-se com as próprias pernas dos objetos que o circundam. Enfim, vários anos deverão passar antes que ele consiga realizar com um mínimo de destreza as principais funções motoras (correr, saltar, subir e descer escadas, manipular objetos etc.). Sendo isso devido a um ritmo de maturação próprio do homo sapiens, parece difícil explicar biologicamente esse aparente atraso maturacional e a decolagem temporal que separa a maturação dos bebês humanos da maturação dos bebês de grande parte das espécies que o precedem (PINO, 2005, p. 43).

Portanto, como vimos, por uma questão de sobrevivência, os bebês necessitam dos cuidados e da atenção do outro da relação social, enfim, precisam do contato, da presença e do convívio social. Nos primeiros dias de nascimento, essa relação, na maioria dos casos, se limita a família. Aos poucos, as relações sociais vão se ampliando. Novas pessoas e novos contextos são incorporados a vida dos bebês. Para muitos, a creche torna-se um novo contexto que começa a fazer parte de sua realidade vivida. Na creche, os cuidados dispensados aos bebês continuam e, não somente isso, práticas educativas também são agregadas. Na realização das práticas de cuidado, aquelas educativas estão intrinsecamente interligadas, pois durante a troca de fraldas, o banho, a alimentação, entre outras necessidades biológicas, comportamentos socialmente constituídos são experienciados e internalizados pelos bebês. A relação social permite que as primeiras práticas educativas sejam compartilhadas e vivenciadas pelos bebês, contribuindo assim, para seu desenvolvimento entre os demais seres humanos. Vigotsky (2012) esclarece que a relação social é a atividade principal dos bebês, ou seja, é uma atividade guia.

O bebê não consegue satisfazer nem uma das suas necessidades vitais, suas necessidades mais importantes e elementares podem ser atendidas somente com a ajuda dos adultos que cuidam dele. Eles o alimentam, levam-no nos braços, mudam de posição. O caminho através dos outros, através dos adultos, é o principal caminho da atividade da criança nessa idade. Praticamente tudo no comportamento do bebê está entrelaçado no social. Tal é a situação objetiva do seu desenvolvimento (VIGOTSKY, 2012, p. 285, tradução livre).

A atividade guia coopera com a ocorrência de transformações qualitativas, ou seja, no desenvolvimento da criança, sendo que, como elucidado anteriormente, a primeira atividade guia que contribui nesse processo é a relação social. “Essas transformações qualitativas, no entanto, não decorrem de um processo biológico, natural, mas da própria atividade da criança. Em cada período do desenvolvimento há uma atividade que guia esse processo gerando neo-informações” (TEIXEIRA, 2014, p. 856). Leontiev (2004) complementa:

A característica da atividade [guia] não se reduz de modo algum a índices puramente quantitativos. A atividade [guia] não é aquela que se encontra o mais das vezes numa dada etapa do desenvolvimento, aquela à qual a criança consagra a maior parte do tempo.
[...]

A atividade [guia] é, portanto, aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento (LEONTIEV, 2004, p. 311-312).

Para cada período da vida, existe uma atividade guia que, como o próprio nome ilustra, conduz e guia o desenvolvimento da criança. Elkonin (2012) corrobora com Leontiev (2004) e explica que a atividade guia possui um forte sentido para o desenvolvimento do ser humano, isso não quer dizer que a criança não realiza outras atividades simultaneamente. O fato de uma determinada atividade constituir-se em atividade guia em um determinado período da vida, não exclui a realização de outras atividades. A atividade guia, portanto, opera qualitativamente no sistema das relações da criança com seu meio circundante e com seu desenvolvimento.

Mas, por que é importante discorrermos sobre essas questões ao discutirmos as práticas educativas no contexto da Educação Infantil, pensando o desenvolvimento da musicalidade dos bebês?

Porque, diferentemente do que muitos acreditam, a musicalidade humana não é algo dado ao acaso pela natureza a alguns talentosos seres humanos. A musicalidade humana é um dom para todos (PEDERIVA; TUNES, 2013). Porém, este comportamento humano se desenvolve na cultura em meio às práticas culturais e às relações sociais (MARTINEZ, 2017). Nesse sentido, como muitos bebês passam boa parte de seu tempo no contexto da creche, as práticas educativas e as relações sociais estabelecidas são importantes no processo de desenvolvimento da musicalidade dos bebês. O contexto da creche e os profissionais da educação que atuam com os bebês, podem contribuir nesse processo. Porém, vale ressaltar que as práticas educativas não se limitam a instituições educativas, mas sim, ocorrem em meio a todas as atividades sociais engendradas na vida humana.

A musicalidade humana é, portanto, toda possibilidade que o ser humano possui de vivenciar o universo sonoro-musical, incluindo aí, a percepção, experimentação, expressão, imaginação e criação sonoro-musical. É na relação social que os bebês começam a ser provocados acerca dos sons existentes, que esses sons podem ser produzidos e manipulados, que os sons podem ser organizados musicalmente. Sons do próprio corpo, dos objetos e dos espaços. Sons da natureza e sons provocados pela ação humana. Musicalidade humana é um comportamento humano, é uma atividade humana que se constitui nas práticas sociais de colaboração e união entre os indivíduos-sociais. Nesse sentido, as práticas educativas que ocorrem em meio às relações sociais existentes no contexto da creche podem contribuir para o processo de desenvolvimento da musicalidade dos bebês.

2. Práticas educativas no contexto da creche e o desenvolvimento da musicalidade dos bebês

A narrativa que abre este artigo traz situações que ocorrem em uma turma de creche de uma instituição educativa do campo conveniada do município de Alto Paraíso, do estado de Goiás, denominada Educandário Humberto de Campos. Nesta instituição, há uma turma de creche que atende bebês de zero a dois anos de idade. A turma é composta por oito bebês e tem apenas a presença de uma professora.

O destaque que damos a essa narrativa refere-se à relação estabelecida entre a professora e os bebês, suas falas e seus cantos, em meio as mais diversas atividades que são realizadas na creche, como a própria chegada dos bebês, durante as brincadeiras, a troca de fraldas, o banho, a alimentação, o momento da despedida quando os bebês vão para suas casas, entre outras situações (figura 1).

Conversa a todo momento: é no encontro com os bebês, no momento das refeições, durante as brincadeiras, na hora do choro, na hora do banho, na hora de trocar as fraldas... O tempo todo, essa voz está presente. Ora conversando ora cantando. A voz e o canto que bailam no ar. E, eles, os bebês, sempre olhando e escutando, demonstrando estar atentos, acompanhando essa nova voz... (MARTINEZ, 2017, p. 166).

Nesse sentido, toda situação é possível de ser aproveitada para conversar e cantar para e com os bebês. Esses momentos

Figura 1. Professora alimentando, conversando e cantando para a criança



Fonte: autora

podem ser preciosos para o início da realização de atividades musicais, pois música não se refere apenas, a possibilidade de tocar um instrumento musical. O trabalho com a voz, como o timbre e o contorno melódico, que pode ser conduzido musicalmente; a contação de histórias em meio a experimentação sonoro-musical da voz e de demais partes do corpo; bem como, o próprio ato de cantar músicas para e com os bebês, pois eles, mesmo ainda não tendo o domínio da fala humana, já expressam balbucios e vocalizações e, assim, podem acompanhar o canto emitido pela professora. É importante mencionar, que os bebês não estão passivos nesse processo, eles participam dessas atividades ativamente.

Percebemos que os bebês não estão indiferentes ao mundo sonoro-musical. Eles demonstram que estão alertas. Evidenciam que percebem os sons por meio do movimento do olhar. O olhar se volta para a direção do som das vozes que são emitidas. Percebemos uma relação entre o ato de olhar e a escuta desenvolvida pelos bebês: o olhar que acompanha a voz da professora durante a troca de fraldas, durante a alimentação, entre outras situações. Não somente o movimento do olhar, mas também, o movimento de todo seu corpo, a emissão de balbucios e de vocalizações, que expressam a relação dos bebês com o mundo sonoro-musical, que se estabelece em meio as práticas sociais realizadas com a professora e, também, com os outros bebês e as crianças maiores.

Os bebês realizam um movimento de busca das impressões auditivas que conseguem captar de seu entorno social, de procura ativa da fonte dessas impressões, na intenção de localizar os sons, ou seja, as vozes e as canções que escutam. Trata-se de um exercício primário de escuta do meio social do qual fazem parte, pois ainda não conseguem discernir acerca do que ouvem, apesar de conseguirem captar os sons. O mundo sonoro-musical é um emaranhado de sons incompreensíveis. Porém, esse exercício primário de escuta transforma-se muito rapidamente em contato com o meio social, pois a percepção sonora se modifica e, aos poucos, começa a fazer sentido para os bebês. Vigotsky e Luria (1996) explicam acerca da percepção da criança:

O que a criança antes percebera como um grande número de fragmentos acidentais, isolados e flutuantes (temos impressão semelhante quando examinamos um mapa desconhecido, quando caminhamos por uma rua de uma cidade estranha ou quando estudamos uma lição desconhecida) começa agora a ser percebido como uma série de quadros completos (VIGOTSKY; LURIA, 1996, p. 159).

Os bebês percorrem um longo caminho, durante os primeiros dias, semanas e meses. O que antes não era compreendido, transforma-se e, logo, eles começam a discernir acerca do mundo sonoro-musical. Os bebês começam a perceber, organizar e criar sentidos articulados a partir do que ouvem.

O bebê não tem percepção atribuída ao sentido: ele percebe a sala, mas não isolou as cadeiras, a mesa, etc., sua percepção é total, em oposição à percepção do adulto que analisa as figuras que se destacam em segundo plano. Como a criança em uma idade adiantada percebe suas próprias experiências? Ele está feliz, irritado, mas não sabe que ele está feliz, assim como o bebê não sabe que está com fome quando está com fome. Existe uma grande diferença entre o sentimento de fome e o

conhecimento de estar com fome. A criança de uma idade anterior não conhece suas próprias experiências (VIGOTSKY, 2012, p. 379-380, tradução livre).

Os bebês não criam sentido do nada. Isso surge na relação com o meio social. Ou seja, ocorre o movimento do social para o indivíduo-social e, assim, o processo de internalização. Dito isso, o mundo dos sons, da vibração, é o mundo da música e da vivência da musicalidade, que é particular para cada ser humano e, aos poucos, os bebês começam a compreender essa realidade concreta do mundo sonoro-musical.

Os bebês não ficam inertes ou passivos em relação às impressões auditivas que estão presentes em seu meio, mas buscam, com o movimento do olhar e de todo seu corpo, encontrar essas sonoridades. Trata-se de uma demonstração de procura visual de onde se originam as vozes e os cantos. Ao conseguir localizar a origem dos sons, fixam o olhar, olham atentamente a pessoa, em uma demonstração de que estão escutando. Além do olhar, se expressam por meio da movimentação das pernas, braços e de todo o corpo. O exercício da escuta se constitui na atividade da percepção do universo sonoro-musical e, aos poucos, os bebês começam um processo de tentativa de imitação, organização, imaginação e criação sonoro-musical.

O exercício da escuta já surge e se desenvolve nos primeiros dias de vida do bebê, principalmente, na relação com o outro conhecido, que no caso da narrativa, é a voz e o canto da professora, que no convívio na creche, são sons que os bebês se tornam habituados a ouvir. São sons que se destacam em meio aos demais. Pino (2005) esclarece que essa função auditiva já tem início na primeira semana de vida do recém-nascido:

Ao completar sua primeira semana de vida [...] a função auditiva de localização dos sons parece começar a entrar em ação, assumindo o comando da orientação do organismo no espaço físico e provocando uma movimentação de olhos que eu chamarei de agora em diante de “varredura visual do espaço”, numa tentativa ineficaz de “ver” as “vozes humanas” (PINO, 2005, p. 225).

Voltando um pouco no tempo, para antes do nascimento do bebê, Amorim (2017) esclarece que o feto, mesmo recluso no ventre materno, já é capaz de ouvir diversas sonoridades. E, ao nascer, já nas primeiras horas de vida extrauterina, apresenta um comportamento diferenciado ao ouvir a voz materna, o que indica uma preferência por este som. Além disso, ainda nos primeiros dias de vida, o bebê já é capaz de reconhecer a localização de um determinado som, acompanhando-o com a movimentação dos olhos e da cabeça – percepção auditiva e visual. Ou seja, o material sonoro-musical passa a ser uma realidade concreta na vida dos bebês na relação com o meio que o cerca, com as mais diversas possibilidades de sonoridades existentes, que constitui a música da vida humana.

Nesse sentido, após o nascimento, o material sonoro passa a ter contato direto com o bebê. Para se adaptar a essa nova realidade de escuta, ele não fará somente com os ouvidos, isso porque, a audição consiste em uma função sensorial que envolve todo o corpo (JABER, 2013). Disso resultam habilidades perceptuais, que são importantes na leitura das manifestações sensoriais (AMORIM, 2017, p. 69).

Em síntese, quando o bebê nasce, já vem provido de um aparato biológico que o permite se adaptar ao meio natural, mas é na relação com o meio social que ele irá se desenvolver entre os seres humanos, permeado pela história-cultural, em meio às múltiplas experiências sensoriais e motoras. Esse processo constitui uma revolução na vida da criança, de sutis e contínuas mudanças qualitativas.

Vigotsky e Luria (1996) discorrem que não é possível comparar o processo de evolução do ser humano com o processo de desenvolvimento da criança, um dos motivos, é que esse processo é muito rápido em relação à criança. O bebê passa de um ser com sensações orgânicas para um ser que se desenvolve em meio à cultura dos humanos em poucos dias. “Se transforma num ser que, pela primeira vez, se defronta com a realidade, começa a [se relacionar] com ela, começa a reagir ativamente a estímulos que dela provêm e se encontra diante da necessidade de, gradativamente [...] adaptar-se a ela” (VIGOTSKY; LURIA, 1996, p. 156). Além desse processo com os bebês ocorrer de forma muito rápido, quando eles nascem, já se deparam com uma realidade concreta constituída pelas mãos humanas, ou seja, eles não terão que desbravar todo esse processo que se deu ao longo de milhares de anos. “A roda já foi criada”. Portanto, eles não terão que repetir a história, mas sim, escrevê-la a partir da realidade existente.

Nesse sentido, as relações sociais são muito importantes ao longo do processo de desenvolvimento dos bebês. É essencial que o meio social esteja permeado pelo mundo da fala, das canções e dos mais variados sons, no sentido de criar condições para a escuta pulsante da vida humana e, além da escuta, que os bebês vivenciem sua musicalidade das mais variadas formas, expressando-se, experimentando, imaginando e criando sonoridades, ou seja, brincando com os sons.

Como vimos, nos primeiros dias, o recém-nascido demonstra procurar as vozes e os cantos por meio da movimentação do olhar e da cabeça. E a partir do segundo mês de vida, já demonstra essa relação com o universo sonoro-musical por meio das expressões faciais e do movimento de todo seu corpo (VIGOTSKY, 2012). O bebê torna-se ativo nesse processo de busca pelas impressões sonoras, sendo capaz de acompanhar os sons existentes no contexto social do qual faz parte. O olhar atento e fixo, as expressões do rosto, os movimentos corporais do bebê, os balbucios e vocalizações, indicam que ele está alerta às vozes e aos cantos entoados e que está desenvolvendo sua escuta do contexto cultural e, além da escuta, já inicia um processo de expressão de sua musicalidade, das mais variadas formas.

Pino (2005, p. 217) discorre sobre a relação que se estabelece com o outro conhecido, ao tratar da “aparição de algumas formas motoras ativas, (olhares, movimentos de mãos e pés e emissão de alguns sons), embora ainda de uma forma difusa e desintegrada; o início de reação à presença do Outro conhecido, em especial os pais” e acrescenta, a “clara tendência à [relação] com pessoas (conhecidas), com olhares fixos”. Ou seja, quanto mais habituado o bebê está com uma determinada voz, mas facilmente ele a identifica em meio aos demais sons, fixa o olhar para acompanhar sua sonoridade e, também, reage por meio de todo seu corpo. E, assim, a percepção sonoro-musical por parte do bebê se torna mais evidente. Assim, a vivência da musicalidade já tem início nessas atividades que começam a realizar em meio à vida humana.

Portanto, em relação à voz humana, é preciso organizar o ambiente social sonoro, que se refere a seu ambiente musical, no sentido de orientar a escuta dos bebês com conversas permeadas por repetições e variações, ou seja, sons vocais que se repetem e variações vocais. A conversa é uma prática social e, aqui, também, se constitui em uma prática educativo-musical que se dá na vida, portanto, trata-se de um instrumento psicológico. Sendo que os instrumentos psicológicos são criações culturais, socialmente constituídas, destinadas aos domínios dos processos de constituição humana. A conversa pode ser utilizada de forma musical, de forma intencional em meio as práticas educativas realizadas com os bebês. Dito isso, é preciso conversar com os bebês. Sempre!

Todas as práticas sociais existentes no contexto da creche podem ser essenciais nesse processo, ou seja, aproveitar cada oportunidade para conversar e cantar para os bebês, seja durante a alimentação, a troca de fraldas, a hora do banho, na contação de histórias ou durante as brincadeiras. Em toda e qualquer situação. Aos poucos, as práticas sociais da família, da comunidade e da sociedade são percebidas e internalizadas pelos bebês. Isso também, em relação às experiências sonoro-musicais vivenciadas no contexto da creche.

Voltando à voz humana, ela pode se tornar em um instrumento que contribui para o desenvolvimento da musicalidade dos bebês. O fato de conversar com os bebês, já se constitui em uma atividade de profunda importância para o desenvolvimento musical, pois na fala humana, já é possível perceber a formação de modos acústicos, trabalhando com ritmos e melodias. Essa fala pode se constituir de diferentes sonoridades. Pode-se brincar sonoramente com as palavras ao conversar com os bebês, realizando vocalizações diferenciadas, com repertório e combinações de alturas – grave e agudo – além da duração – lento e rápido – e da intensidade – forte e fraco. Também, organizando o tempo ao emitir as palavras em pulsos regulares – pulsação rítmica. Essas são práticas que podem se constituir em processos educativos, junto aos bebês em meio às relações sociais –, como vimos anteriormente, primeira atividade guia que surge na infância.

A criança se volta para a pessoa que fala com ela, presta atenção à sua voz e fica triste quando se afasta dela.

[...]

Na verdade, a criança é reativa desde o início. O adulto que cuida dela, lança tudo quando recebe a criança naquele estágio de sua vida, não só a satisfação de suas necessidades, mas também os estímulos e distrações causados por mudanças na postura, movimento, jogo e a voz convincente. A criança reage cada vez mais a esse mundo de experiências criadas pelo adulto (VIGOTSKY, 2012, p. 302, tradução livre).

Os bebês estão atentos à presença das pessoas e, também, à fala humana. Os bebês prestam atenção às vozes que fazem parte de seu contexto social. A fala humana orienta a atenção dos bebês. Eles reagem cada vez mais ao mundo dos humanos e, aos poucos, as experiências sociais são internalizadas. Uma dessas experiências sociais é a atividade musical que se expressa, também, por meio da fala humana, permeada pelos contornos melódicos e rítmicos (figura 2). Não se trata de qualquer conversa, mas de uma fala intencionalmente articulada de modo musical e direcionada aos bebês.

Figura 2. Professora e crianças cantando



Fonte: autora

Nas situações observadas na creche, a professora emite palavras realizando exercícios vocais, brincando com a variação rítmica e o contorno melódico da voz. Ela, às vezes, brinca com a voz, tornando-a ora aguda ora grave. A professora emite palavras alternando a duração e a intensidade. Se utiliza de vocalizações com pulsação rítmica por meio de repetições de sílabas, como por exemplo, ma-ma-ma; da-da-da; lá-lá-lá, entre outras.

Laznik e Parlato-Oliveira (2011) discorrem sobre pesquisas realizadas com mães, pais, familiares, cuidadoras e cuidadores de bebês, em que se percebe uma fala peculiar destes em relação aos bebês, com alterações de altura, duração e intensidade vocal, com variações de timbres e ritmos. Ou seja, mecanismos que tornam a voz mais melódica e mais próxima da expressão musical.

Nesse sentido, aos poucos, os bebês, além de terem contato com a fala humana em meio as práticas sociais, começam a perceber, também, as variações rítmicas e melódicas que existem no universo sonoro-musical, internalizando essas experiências. Logo, estão imitando as vocalizações emitidas pelo outro da relação social e, também, elaborando seu próprio comportamento musical.

Além de a professora brincar com os contornos melódicos e rítmicos da própria voz, pode expressar diferentes sonoridades se utilizando do próprio corpo, percutindo sonoridades musicais. Isso pode acontecer nas mais variadas situações, entre elas, durante a contação de histórias, por exemplo. E, também, pode utilizar diferentes objetos para emitir estruturas sonoro-musicais. É importante ressaltar, que os bebês começam a se interessar pelos objetos a partir da relação social com os demais seres humanos. A relação social com as pessoas é a primeira atividade guia da criança, como já elucidado e, a relação social com os objetos se constitui na segunda. Isso, por uma questão de sobrevivência. Os bebês necessitam do outro da relação social para desenvolver-se entre os seres humanos.

Quando a mãe “dá a luz”, a criança pode ver. E ela olha tudo que pode e não apenas o ventre que a continha. Ela vê, agora, quem a embala, na sua inteireza, como uma totalidade. Sim, porque a percepção do bebê não é analítica como a do adulto, que, diante de um objeto, pode nele distinguir e destacar as partes. O bebê humano vê o objeto como um todo impartível. Além disso, por um valor de sobrevivência,

interessa-lhes, sobretudo a mãe ou quem dele cuida, quem oferece o próprio corpo para o contato, acalanto, aplaca-lhe a dor, o frio e a fome. Ele dirige sua atenção a essa pessoa e sente-a como uma espécie de extensão do seu próprio corpo (TUNES, s.d., p. 3).

Tunes (s.d.) continua a explicar que a relação social com os objetos surge da relação social com as pessoas.

Logo ao nascer, os objetos que se encontram ao seu redor interessam-lhe muito pouco, se é que, de fato, exercam sobre ele alguma atração. É ao outro que dele cuida que ele dirige grande parte de seus esforços de atenção. É, pois, esse adulto que irá propiciar a transição de atenção do bebê para os objetos. Você, leitor (a), com certeza, já reparou que, quando vamos brincar com um bebê bem pequeno, mostrando-lhe um objeto, costumamos balançá-lo junto ao nosso próprio rosto (os bebês parecem ter em nosso rosto o foco preferencial de atenção) ou, então, provocar com ele algum barulho para chamar a atenção do bebê de nosso corpo em direção aos objetos. Fazemos isso tão automaticamente e com tanta frequência que nem nos damos conta de nossas ações.

E continua:

Por sua vez, o bebê aprende com tamanha rapidez e facilidade que damos por certo que o fez naturalmente e não tomamos consciência de nossa participação no processo. Costumamos, por isso, acreditar que o interesse dos bebês pelos objetos é algo naturalmente dado, que ele já nasceu com esse interesse e que nosso papel é apenas de colocar ao seu alcance os objetos. Mas, como estamos podendo perceber, não é bem assim que as coisas acontecem. Sem a nossa atuação, o interesse dos bebês pelos objetos que estão ao seu redor será bastante precário. O que ele quer mesmo somos nós que cuidamos dele. O objeto somente virá a interessá-lo se colaborarmos no processo de transição de sua atenção (TUNES, s.d., p. 3-4).

É importante ressaltar tal fato, para frisar a importância da atuação da professora e do professor no processo de desenvolvimento dos bebês. Eles possuem uma ligação muito forte com as pessoas que deles cuidam e, isso se refere aos profissionais da educação também, na unidade existente entre o cuidar e o educar, que estão intrinsecamente interligados. Isso não é diferente em relação ao desenvolvimento da musicalidade dos bebês. A professora e o professor podem contribuir nesse processo, por meio de suas vozes, cantos, percussão do próprio corpo e percutindo, também, os mais variados objetos existentes no contexto da creche. Vale mencionar que não nos referimos a instrumentos musicais convencionais, mas sim, a todo e qualquer objeto que os bebês possam experimentar suas propriedades sonoras.

Breves considerações

Como vimos, os bebês já nascem com um aparato biológico que os permite ouvir as sonoridades existentes e, também, articular o próprio corpo, porém, o processo de vivência da musicalidade humana se desenvolve na relação social, quando os bebês começam a criar sentidos articulados acerca do universo sonoro-musical que permeia sua realidade concreta. Pois, a musicalidade humana se desenvolve na cultura, sendo uma atividade humana engendrada nas práticas culturais e nas relações sociais (MARTINEZ,

2017). Ou seja, os bebês sentem e percebem o mundo sonoro-musical pela escuta, pelo olhar, pelo movimento, pelo sentir, pela vibração, por todo seu corpo e, assim, vivenciam sua musicalidade em meio às atividades culturais que se dão nas relações sociais. Nesse sentido, o papel da professora e do professor no contexto da creche, é essencial para o processo de desenvolvimento da musicalidade dos bebês.

Professoras e professores não precisam ficar preocupados com o que não conseguem fazer em relação às atividades

musicais, mas sim, tentar visualizar a diversidade de atividades que podem realizar com os bebês, utilizando-se da própria voz, do próprio canto, do próprio corpo e, dos materiais e objetos disponíveis. É preciso tentar enxergar as possibilidades existentes no trabalho musical com os bebês, pois quanto mais experiências sonoro-musicais eles tiverem, mas recursos disponíveis terão para desenvolver e vivenciar sua musicalidade. Pois, “a aprendizagem tem um caráter social, isto é, aprende-se com o outro” (TUNES, 2011, p. 09). ■

Nota

¹ Segundo Prestes (2012, p. 172) a tradução correta é atividade guia e não atividade dominante, como encontra-se no texto traduzido de Leontiev (2004), pois trata-se de uma atividade que possui o “princípio de guiar o desenvolvimento da criança”. Portanto, é esse o termo que utilizamos ao longo desse texto.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. **Batuca Bebê: A educação do gesto musical**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília-UnB, 2017.
- ELKONIN, Daniil Borisovitch. **Enfrentando o problema dos estágios no desenvolvimento mental das crianças**. Educar em Revista, Curitiba, n. 43, p. 149-172, jan./mar. 2012.
- LASNIK, Marie-Christine; PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Quando a voz falha**. *Mente & Cérebro*, 3ª ed., v. 4, p. 60-67, abril. 2011.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. **Infâncias musicais: O desenvolvimento da musicalidade dos bebês**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília-UnB, 2017.
- PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TUNES, Elizabeth. **Da atividade musical e sua expressão psicológica**. Curitiba: Prismas/Appris, 2013.
- PINO, Angel. **As Marcas do Humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotsky**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa: Traduções de Lev Semionovitch Vigotsky no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **O papel da brincadeira de faz de conta no processo de humanização de crianças ribeirinhas da Amazônia**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 855-878, set./dez. 2014.
- TUNES, Elizabeth. É necessária a crítica radical à escola? In: TUNES, Elizabeth (org.). **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011, p. 9-12.
- _____. **O adulto na brincadeira da criança**. Revista em Aberto, MEC/INEP, p. 1-7, s.d.
- VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas IV: Paidologia del adolescente/Problemas de la psicología infantil**. Madrid: Machado Libros, 2012.
- _____.; LURIA, Aleksander Romanovitch. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.